BULLYING E INTERVENÇÃO NO BRASIL: UM PROBLEMA AINDA SEM SOLUÇÃO

Luciene R. Paulino Tognetta (lrpaulino@uol.com.br) / *Telma Pileggi Vinha*

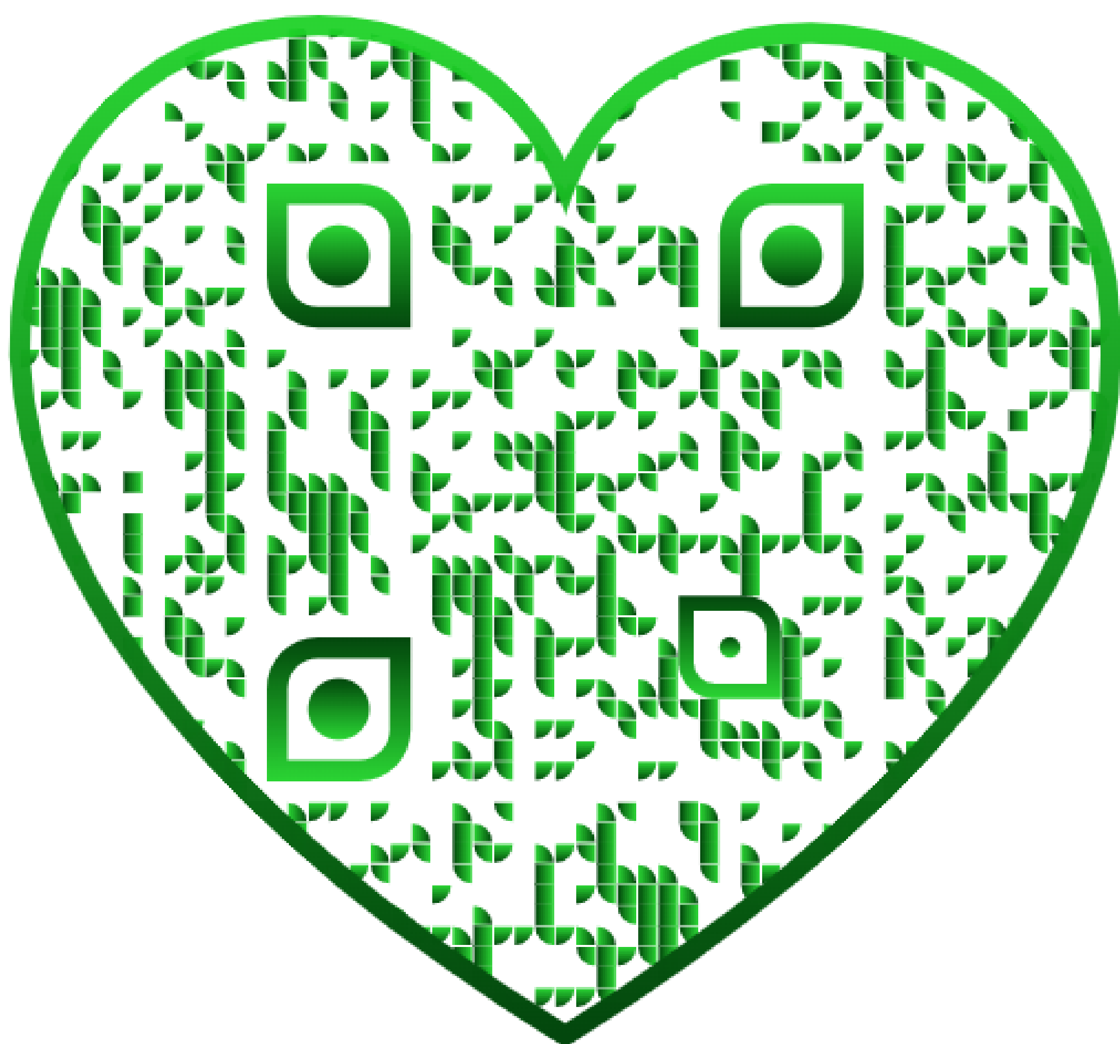
Faculdade de Educação Unicamp – Brasil

Tão importante quanto a indisciplina na escola, as situações de violência que atingem os pares urgem por uma melhor compreensão de suas características para que se possa apontar possibilidades de soluções que ajudem meninos e meninas, crianças e adolescentes a superarem um problema em suas relações interpessoais, mas cuja essência está intrinsecamente nas relações intrapessoais. Falamos do *bullying*, uma faceta da violência que machuca, mas que para muitos educadores se encontra longe de ser entendida e mesmo legitimada como uma forma de violenta. Diferentes pesquisas têm nos atestado tais fatos: quando se fala da violência na escola, o lócus central do problema parece serem os sinais de desobediência às ordens de quem impõe as regras na escola (Nogueira, 2004; Tognetta, 2008; Tognetta & Vinha, 2008a). À revelia, crianças e adolescentes são intimidados, menosprezados, diminuídos, ameaçados por seus pares sem que as autoridades na escola sequer queiram perceber que há um problema ainda que não lhes afete diretamente.

Nosso cotidiano em escolas nos permite afirmar que há ainda muitos professores que desconhecem tal fenômeno da intimidação entre pares. Sim, sabem da violência, mas apenas a reconhecem quando são tomados como o próprio alvo. Uma pesquisa do Ministério da Educação do Governo Brasileiro em 2009 revela que 90% dos professores entrevistados se identificam como vítimas da violência de seus alunos. São meninos e meninas que desobedecem, desrespeitam e ameaçam a autoridade na escola. No entanto, ao fazermos um diagnóstico da realidade escolar, qual é a surpresa de inúmeros professores quando podem constatar que seus alunos apontam outros culpados e vítimas para a violência na escola. Pela urgência de se estudar outras formas de maus tratos como o bullying cujas características são peculiares e pela atual necessidade de se considerar o outro lado das pesquisas sobre violência na escola e suas direções, é que apresentaremos as investigações que temos conduzido no Brasil.

Contextualizando o fenômeno do ponto de vista psicológico

É urgente nos dispormos à tarefa de mapear o problema da violência na escola, em especial o bullying, para que possamos num primeiro passo, nos sensibilizar com uma desmedida falta de ética a que estão acometidos nossos alunos. No Brasil, diferentes autores, a partir dos primeiros



diagnósticos traçados por Dan Oweus (1998) e tendo como resultados bastante parecidos com aqueles encontrados por Avilés et al. (2005), Del Barrio et al. (2003) entre outros, têm se dedicado ao estudo desta forma peculiar de violência.

Comecemos por situar o problema chamado bullying. Do inglês *bull* vem o sentido de intimidação para a língua portuguesa. Do touro, a força que assola, que menospreza, que diminui o outro. Bullying, como já bastante definido em meios acadêmicos diz respeito às formas de intimidação, de humilhação e menosprezo e conta, ao menos, com cinco características marcantes. Tomemos como exemplo, a fim de ilustrar as características do fenômeno, do ponto de vista psicológico do qual tratamos, um belo clássico do cinema que reproduz situações de bullying em que estão submetidos dois personagens principais, autores e alvos: Ponte para Terabítea (2007) apresenta a história de dois heróis que superam a condição de vitimização que experimentavam na escola. Jesse, numa família de outras três irmãs, é o penúltimo filho. Sofria a indiferença do pai que deixava evidente a sua preferência pelas meninas, principalmente a menor. Sofrendo de um menosprezo explícito de seus sentimentos, Jesse vai à escola e lá, como lugar propício à experiência entre iguais, encontra seus algozes que o ridicularizam por usar os tênis de sua irmã mais velha, por ter gostos diferentes dos demais (era um exímio desenhista, retirado em suas fantasias), por morar em uma região afastada dos centros urbanos... Essas e tantas outras formas de ridicularização podem nos evidenciar a primeira das características do fenômeno estudado: trata-se de uma forma de violência entre pares, ou seja, em que não há desnível de poder ou de autoridade entre aqueles que participam. Portanto, não chamaríamos de bullying uma forma de constrangimento exercida pelo professor sobre o aluno, como os que acontecem, por exemplo, na sala de Jesse e nem o autoritarismo do pai.

A segunda característica que explica o fenômeno é a repetição. Não são brincadeiras ao acaso: Jesse é vitimizado sempre: no ônibus, em sala de aula, na brincadeira do recreio. São sempre atos direcionados a um alvo, a uma vítima, por repetidas vezes já que existe uma terceira característica a ser considerada: há a intenção de ferir. Autores de bullying, intencionalmente escolhem seus alvos, que são exatamente aqueles que por razões psicológicas parecem concordar com a imagem que seus algozes querem fazer dele: as vítimas sentem-se diferentes, pela roupa que vestem, pelas maneiras como se relacionam, pelas diferenças físicas ou psicológicas, pelos trejeitos e por principalmente, sentirem-se pouco seguros com

relação ao respeito que nutrem por si mesmos, como é o caso de Jesse. Isso explica por que nem todos aqueles que são escolhidos como alvos de bullying permanecem nessa condição. Somente aqueles cujas imagens de si empobrecidas revigoram as características postas em evidência pelos autores de bullying são tomados como vítima. Ressaltemos aqui a presença da segunda personagem deste filme: Leslie é também, no começo de seus relacionamentos, alvo de constantes sarcasmos pelo seu tipo físico, por sua conduta em participar de brincadeiras "ditas" de meninos, por sua facilidade em criar fantasias. Leslie é uma menina, também sonhadora, mas que ao contrário de Jesse, resiste a se tornar vítima. Sustenta sua diferença, não demonstrando medo de seus agressores.
Resta-nos a quinta característica: não há bullying sem que haja um público a corresponder com as apelações de quem ironiza, age com sarcasmo e parece liderar aqueles que são expectadores. É verdade que enquanto autoridades, muitas vezes, não ficamos sabendo dos problemas que passam nossos alunos entre si. Talvez isso também explique por que tem sido tão difícil para os professores, considerarem que há um sofrimento em jogo. Contudo, o fato de não contarem para suas autoridades, propositalmente, fortalece outro fato interessante: autores de bullying precisam fazer com que seu público que os venere sabendo de suas proezas. Dão um jeito: ou mandam recado, ou contam sobre suas ações... E o público, por sua vez, quase que em sua totalidade, amedrontado com a possibilidade de se tornar "a próxima vítima" parece concordar com as formas pelas quais os autores agem, mesmo que seja pela indiferença ou pura aceitação. É o que podemos assistir nas cenas de escola do filme Ponte para Terabítea. Postas tais características, passemos então à pergunta recorrente entre os mais diferentes educadores: o que fazer? É exatamente visando responder a tal questionamento que apresentamos a seguir uma de nossas investigações realizadas no Brasil diante da necessidade de se repensar nas escolas as possíveis intervenções que podemos utilizar para vencer este problema.

Um recorte de realidades brasileiras

Foi com Fante (2005) que tivemos as primeiras reflexões sobre o bullying e suas conseqüências no cotidiano de escolas brasileiras. No interior do Estado de São Paulo, Fante mapeia as primeiras alusões à tais manifestações de violência, que, na verdade, como já apontado por Oweus e outros tantos autores, já existe desde que o homem é homem e se relaciona com seus pares: o que as novas investigações fazem, no campo das ciências, é apontar as características desta face da violência e nome-la como *bullying* cujas

implicações e formas de embate são diferentes, como pudemos constatar ao caracterizar o problema. Dados da região de São José do Rio Preto foram tomados como testemunho de que havia entre crianças e adolescentes brasileiros, sinais de violência entre pares: 66,92% dos entrevistados dizem sofrer algum tipo de violência na escola, sendo 25,56% casos de bullying.

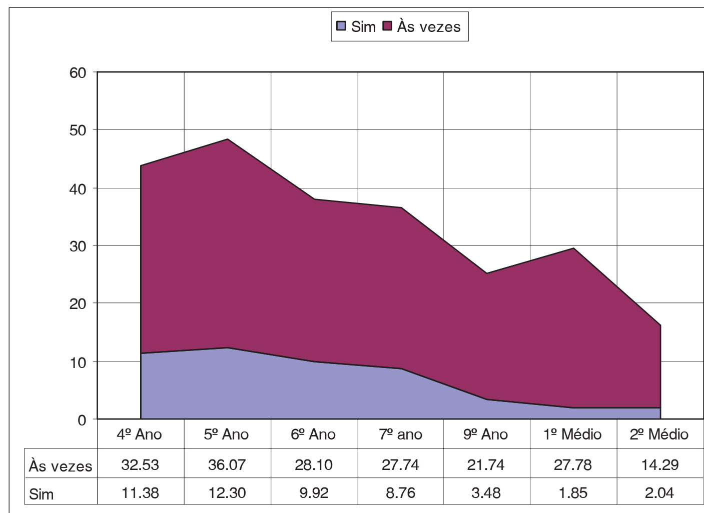
Preocupados com as ações que este diagnóstico nos instigava a ter, organizamos uma investigação da mesma natureza na região metropolitana de Campinas, também interior do estado de São Paulo. O estudo realizado na região contou com a participação de alunos do 4º. Ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 2º ano do Ensino Médio totalizando 827 crianças e adolescentes entrevistados. O primeiro grande objetivo desta investigação realizada em escolas particulares da região de Campinas era saber se existiriam casos de bullying nessas instituições para que então se cumprisse um segundo objetivo: tratava-se de uma pesquisa de campo, com caráter, também exploratório que buscaria propor uma forma de intervenção ao problema que poderia ser detectado durante a primeira etapa de diagnóstico. Logo, o segundo passo a ser dado, após esse primeiro mapeamento do problema apontado pelos alunos, seria o estabelecimento de metas e de propostas de formação dos professores envolvidos. Isso, para que se pudesse pensar em estratégias eficazes para a superação do problema e mesmo a formulação de um estatuto anti-bullying pelos próprios alunos que trabalhariam com os dados do diagnóstico realizado. Contamos com um questionário adaptado de Oweus (1998) e de Fante (2005) em que crianças e adolescentes poderiam se referir à existência de situações de bullying, suas formas de ação, a freqüência desses fatos e os locais de tais ações.

Teriam, os alunos, problemas de relacionamento entre eles que não tem sido alvo de discussões e planejamento de intervenções da escola? Ou em outras palavras: a escola estaria preparada para levar em consideração os problemas cujas causas sejam afetivas e agir de forma a contribuir para com a construção de personalidades mais equilibradas que não tenham a necessidade de menosprezar o outro para se sentirem valor, ou de serem menosprezadas por outrem? Não, seria a resposta, como veremos na apresentação dos resultados. Antes, porém, é preciso retomar um dos entraves cuja presença não nos permitiu, como veremos, a continuidade e o atendimento do segundo objetivo em questão que consistia nas propostas de intervenção. Expliquemos: no questionário adaptado por nós resolvemos incluir uma pergunta que não seria relevante do ponto de vista do entendimento do fenômeno em questão, o bullying. Tratava-se de uma

pergunta relacionada ao professor: você já foi ameaçado, menosprezado, diminuído, zombado, xingado, humilhado por algum professor? O viés encontrado nesta pesquisa parece-nos um dos mais urgentes pontos a serem repensados pela escola hoje, como veremos a seguir.

RESULTADOS

Apresentamos por hora, apenas um recorte das quarenta questões que foram respondidas pelos alunos, sendo eles: 249 do Ensino fundamental I, 377 do Ensino Fundamental II e 201 do Ensino Médio totalizando a amostra de 827 estudantes. Tal recorte consiste em apresentar duas questões que tomamos depois por base, para a segunda etapa que indicaria o início de um processo de sensibilização para procedermos a etapa posterior de intervenção. Uma das perguntas que fizemos como no estudo anterior era a seguinte: você já foi zombado, humilhado, ameaçado, constrangido por algum colega na escola? Os resultados encontrados para essa questão podem ser constatados com auxílio da Figura 1. Para análise desses dados, é preciso esclarecer que foram tomadas duas das possíveis respostas que mais se aproximavam da possibilidade de evidenciar-se o problema do bullying entre os participantes – às vezes e sim.

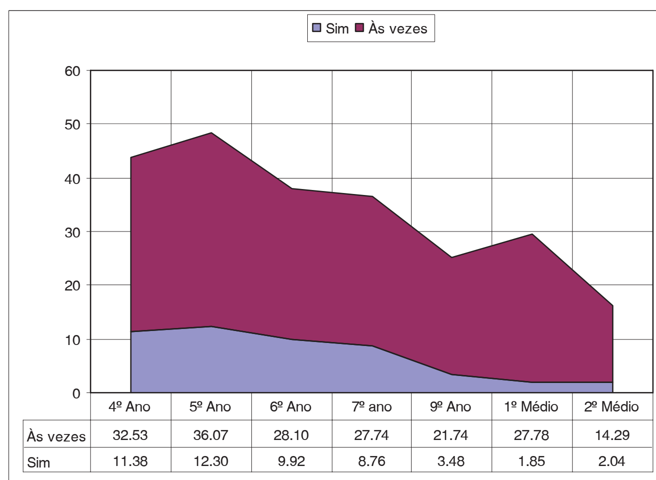


	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º ano	9º Ano	1º Médio	2º Médio
Às vezes	32.53	36.07	28.10	27.74	21.74	27.78	14.29
Sim	11.38	12.30	9.92	8.76	3.48	1.85	2.04

Figura 1. Respostas para a pergunta: Você já foi zombado, ameaçado, humilhado, desprezado, diminuído por algum colega?

Quando questionados sobre o fato de já terem sido vitimizados por algum colega da escola, essas crianças e adolescentes nos apontam que já passaram por tais situações. Notemos no gráfico de área que há uma tendência à diminuição das porcentagens de respostas "sim" que se referem à tal agressão correspondente ao crescente desenvolvimento dos sujeitos e com o passar dos anos, até chegar ao segundo ano do ensino médio. Contudo, chama-nos a atenção os escores referentes ao "as vezes": vejamos que 36,07 % dos sujeitos dos 5os. anos apontam já terem sido vitimizados.

Passemos então à segunda questão que tomamos como referência para essa apresentação. Por ocasião da pesquisa, resolvemos inserir, como já dissemos, uma questão que se referia a uma possível intimidação que os alunos poderiam sofrer por parte do professor. Os resultados obtidos com essa questão nos promoveram uma surpresa bastante desagradável para quem estaria disposto a pensar no problema entre os pares: haveria algo mais – os alunos se referiam à situações em que também foram humilhados, ameaçados, zombados por seus professores. A Figura 2 permite-nos chegar a tais conclusões.



	4º Ano	5º Ano	6º Ano	7º ano	9º Ano	1º Médio	2º Médio
Às vezes	32.53	36.07	28.10	27.74	21.74	27.78	14.29
Sim	11.38	12.30	9.92	8.76	3.48	1.85	2.04

Figura 2. Respostas para a pergunta: Você já foi zombado, ameaçado, humilhado, desprezado, diminuído por algum professor?

Fica evidente pela análise dos resultados encontrados que meninos e meninas, quanto mais evoluem para não considerar a regra em função da autoridade, e, portanto, a não legitimar as ações da autoridade como sempre justas, mais apontam para uma violência escondida: o desrespeito advindo das figuras de autoridade. No nono ano, vejamos que as respostas

às vezes atingem a maior expressão: são 26,96% de sujeitos que às vezes se consideram desrespeitados por seus professores.

As discussões que podemos traçar e os apontamentos futuros

Os resultados encontrados estão em consonância com aqueles já apontados por outros autores mundialmente reconhecidos (Avilés & Casares, 2005; Del Barrio et all, 2003; Fante, 2005; Mascarenhas, 2009; Oweus, 1998; Prodocimo, 2009) e nos permitem afirmar que existe no cotidiano da escola uma violência silenciosa que acomete meninos e meninas, alvos de bullying, e que denota o fato de outros tantos meninos e meninas, autores de bullying também precisarem de ajuda para inverter uma hierarquia de valores que coloca a força, o poder, a virilidade, a intolerância à diferença como privilegiados. Meninos e meninas em nossas escolas convivem com uma violência velada, advinda daqueles que teoricamente, deveriam inserir a criança e o adolescente no mundo da moral: seus professores. Mas vejamos, não são maneiras explícitas porque não nos damos conta de que as humilhações, as constantes exposições em que colocamos nossos alunos são formas de desrespeito. A intenção é sempre boa quando chamamos a atenção de um aluno dizendo ao restante da classe: "pessoal, é assim que se faz?" Ou quando dizemos, mesmo amigavelmente: "só podia ser você mesmo, não?" Ou ainda, como conta-nos com tristeza uma amiga que assistia a aula de certo professor – num dado momento, visando ele obter a atenção e a "amizade" da turma, se dirige a uma aluna vestida de roxo, cuja diferença em termos de massa corporal era notória (chamada literalmente de gordinha), dizendo: "oi hematoma gigante". O que dizer de situações como esta? O que dizer de outras tantas vexações que passam nossas crianças e adolescentes quando em aulas entediantes são colocadas para fora, ou de castigo, ou ainda, submetidas a constrangimentos do tipo ser obrigado a copiar cem a duzentas vezes "devo me comportar em sala de aula" (Vinha & Tognetta, 2008). Não é surpresa, portanto, que não conseguimos desenvolver a segunda etapa da pesquisa citada: os professores envolvidos recusaram-se a reconhecer que suas metodologias estavam bastante diferentes de formas mais evoluídas de intervir moralmente.

Por certo, Terabitea não está distante desta realidade. Entretanto, tal reino encantado tem o que falta em nossas escolas: espaços para que meninos e meninas possam se sensibilizar com suas diferenças, com aquilo que tem em comum, como fizeram Leslie e Jesse. Não é possível formar para a generosidade sem que os alunos possam falar entre si, sentar em grupos, discutir diferenças (Tognetta & Vinha, 2008b). Terabitea, para aqueles que duvi-

darem, é a possibilidade de superação da condição de violência porque Leslie e Jesse re-apresentavam tudo o que viviam. Lá, reelaboravam, falavam como se sentiam, falavam o que pensam. E voltavam fortalecidos para os enfrentamentos da realidade. Resta-nos a esperança de que, sem Terabitea, crianças e adolescentes encontrem em nossas escolas, espaços para construírem o que mais precisam para a superação do bullying e de tantas outras violências: o auto-respeito.

REFERÊNCIAS

Avilés, J.M., & Casares, I.M. (2005). Estudio de incidencia de la intimidación y el matrato entre iguales en la educación secindaria obligatoria mediante el cuestioario CIMEI, 1999. *Anales de Psicologia*, *21*(1), junio.

Del Barrio, C., Almeida, A., Meulen, K., Barrios, A., & Gutiéerez, H. (2003). Representaciones acerca del maltrato entre iguales, atribuciones emocionales y percepción de estratégias de cambio a partir de um instrumento narrativo: SCAN- BULLYING. *Infância y Aprendizaje*, *26*(1), 63-78.

Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.* Campinas: Editora Verus.

Mascarenhas, S.A.N. (2009). Bullying e moralidade escolar: Um estudo com estudantes do Brasil (Amazônia) e da Espanha (Valladolid *Anais do I Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral (COPPEM*). Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp.

Nogueira, R.M.C. Del P. (2004). Violência na escola: Em busca de definições. São Paulo: *Psicopedagogia On Line.*

Olweus, D. (1998). *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid: Ediciones Morata.

Prodócimo, E. (2009). Agressividade na escola: Conhecendo o fenômeno. *Anais do I Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral (COPPEM).* Campinas, SP: Faculdade de Educação, Unicamp.

Vinha, T.P., & Tognetta, L.R.P. (2008a). Estamos em conflito: Eu, comigo e com você! Uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas. In *Escola, conflitos e violência*. Santa Maria: Editora da UFSM.

Tognetta, C.G., & Souza, C. (2007). *O fenômeno bullying no ambiente escolar.* Texto não publicado.

Vinha, T.P., & Tognetta, L.R.P. (2008b). A construção da autonomia moral na escola: A intervenção nos conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. *Anais do VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR – EDUCERE e o III Congresso Ibero–Americano sobre Violências nas Escolas – CIAVE.* Curitiba: PUC.